

**Entrevista Para Dilma Rousseff, perfil das importações melhora qualidade da produção e das exportações**

# Desequilíbrios não afetam estabilidade, afirma ministra

Cristiano Romero  
e Claudia Safatle  
De Brasília

A ministra-chefê da Casa Civil, Dilma Rousseff, acha que, por ser forte produtor de alimentos e dispor de uma matriz energética diversificada, o Brasil é hoje o país mais bem posicionado para enfrentar a atual conjuntura internacional, marcada por pressões inflacionárias e incertezas no mercado financeiro. Na sua opinião, o país vive momento "virtuoso" e, por isso, não deve sucumbir diante de "falsos problemas".

"Hoje, temos que ter cuidado para não achar que certos desequilíbrios momentâneos necessariamente perdurão", disse a ministra, referindo-se à preocupação de setores do governo com a volta dos déficits em conta corrente. "Temos justificativas para ter horror da inflação e de déficits. O que não podemos fazer é pegar uma oportunidade de ouro, como a de agora, e achar que ela reprisa velhos modelos. Ao mesmo tempo, não podemos deixar em berço esplêndido."

Apelidada de "comandante-chefê" por colegas de ministério, a ministra critica ministros e assessores do governo que atacam a política de juros do Banco Central (BC). Nesta entrevista ao *Valor*, ela consagra o tripé da política econômica herdado do governo anterior e avisa que ele não mudará.

"Fico me perguntando por que alguém mudaria uma coisa que está dando certo. Nossa governo não fará isso em hipótese alguma", descartou. "É uma maluquice a idéia de detonar a inflação para salvar o câmbio. Nunca vi isso dar certo."

**Valor:** Há uma alta nos preços dos alimentos no mundo e desequilíbrio entre demanda e oferta no Brasil. Isso criou uma pressão inflacionária. Não há uma limitação física ao crescimento?

Como conseguimos despachar mais 4 mil megawatts? Construindo gasodutos. A Petrobras engenhou no fornecimento de gás. Fechamos o gasoduto Cabo Branco-Vitória, com geração de 1 mil megawatts. Sem gasoduto e sem molécula de gás, não tem milagre. Quando não tem gás, providenciamos a importação de GNL (gás natural liquefeito) ou acionamos as usinas de bicoombustíveis. Outro dia disseram que estamos com sorte porque choveu muito e os reservatórios ficaram cheios. Não é isso.

**Valor:** Não?

**Dilma:** É linha de transmissão. Quando faltou energia no apagão de 2001, a capacidade de receber e enviar energia era de 2,5 mil megawatts médios. Isso eu sei porque estava no Rio Grande do Sul (como secretária de Energia do governo Olívio Dutra) administrando o apagão, que não ocorreu naquele Estado. Tínhamos sobra de energia, mas não conseguímos transmitir para outras regiões. Depois, inverteu-se a situação. Houve seca no Rio Grande do Sul, os reservatórios baixaram e houve momentos em que passamos 6 mil megawatts médios para lá. Isso só foi possível porque dobramos a capacidade de transmissão. Entre o Sudeste e o Nordeste, multiplicamos essa capacidade por 2,5 vezes.

**Valor:** O Brasil voltou a ter déficits em conta corrente. Conselheiros do presidente, como Delfim Netto e Luiz Gonzaga Belluzzo, acham que esse déficit vai crescer e o país pode chegar a 2010 numa situação vulnerável. Esse não poderia ser um constrangimento ao crescimento?

**Aquela história de que a inflação aleja... Aleijar é péssimo! Pode perder perna, braço. Pode até perder a cabeça"**

**Dilma:** O balanço de pagamentos é algo sempre importante. O Mário Henrique Simonsen dizia que a inflação aleja, mas o câmbio mata. Ele tinha toda a razão. Agora, há uma diferença substantiva entre hoje e aquela época. Temos US\$ 200 bilhões em reservas cambiais. Além disso, temos um governo alerta, acompanhando e fazendo um esforço grande de expansão das exportações. Tem algo muito importante nessa história toda de que não podemos descuidar.

**Valor:** O quê?

**Dilma:** A qualidade da nossa importação. Não podemos minimizar o fato de que temos hoje capacidade bastante grande de importar bens de capital (máquinas e equipamentos) e, assim, modernizar as nossas plantas industriais. Esses bens melhoraram a qualidade da produção e das exportações e resolvem gargalos. O atual momento do Brasil tem coisas muito virtuosas.

**Valor:** Que coisas?

**Dilma:** Ele prova que é possível crescer o mercado interno e o externo. Hoje, temos de ter cuidado para não achar que certos desequilíbrios momentâneos necessariamente perdurão.

**Valor:** Que medidas o governo tomará para enfrentar o risco de aumento rápido do déficit externo?

**Dilma:** Não sou a melhor pessoa para adiantar quais são as medidas e se serão mesmo tomadas. Não tenho discutido isso. Política industrial haverá, com um forte incentivo às exportações. Haverá desoneração fiscal e incentivos a financiamento de projetos de inovação. A política deve sair neste mês de maio.

**Valor:** Quais são?

**Dilma:** Uma é essa que acabei de citar. A outra é energética. E esses são os dois principais problemas do mundo neste momento.

**Valor:** A senhora falou em virtudes do momento atual. Quais seriam as outras?

**Dilma:** Outra virtude é que estamos crescendo com a incorporação de milhões de brasileiros ao mercado de consumo. Isto significa também distribuição de renda e igualdade de oportunidades. Antes, existia a dicotomia: "Ou o país cresce ou distribui renda, ou então cresce bastante e depois distribui renda." Incorporamos milhões de brasileiros via crédito — que é o trivial simples do capitalismo —, salário-mínimo, emprego, política social. Temos o Bolsa Família bem focado nos mais pobres, o Luz para Todos, o Pronaf. Nada disso é de graça. Implica modificar o perfil do mercado brasileiro, transformando-o num mercado de massa. Acabou aquela história que estudávamos na universidade, segundo a qual, no Brasil o mercado tinha que crescer só para o consumo de bens duráveis. A China massificou o mercado, mas com uma distorção. Com a população que eles têm, não conseguem incorporar a todos. Temos uma população menor no Brasil, então, aqui a incorporação é mais rápida. Tanto é que os efeitos na nossa distribuição de renda são mais visíveis. Vejam se há algum país emergente, ou mesmo os EUA, que cresceu distribuindo renda. Esse foi um achado do país. Estamos respondendo a mobilidade social, que se dá por vários mecanismos — saúde, educação, emprego etc.

**Valor:** Preocupado com pressões inflacionárias, o Banco Central voltou a elevar a taxa de juros, depois de quase três anos de alívio. Sinalizou que o aperto monetário pode ir até o fim do ano. Isso pode abortar o crescimento?

**Dilma:** Estou com o presidente. Não podemos pegar um episódio e dizer: "Se aumentar, é um horror; se diminuir, é uma temeridade." É preciso tratar essa questão com maior naturalidade. Não me cabe fazer comentários sobre decisões do Banco Central. Não é bom para o país. Gente do governo ficar discutindo se o juro deve ser A, B, C ou D não contribui. Prefiro não fazer essa discussão.

**Valor:** Há um choque de preços de alimentos e o fato de que a China, que contribuiu durante vários anos para a desinflação no mundo, agora começa a exportar um pouco de inflação.

**Dilma:** Acho que, nesse quesito, talvez o Brasil seja o país em melhores condições no mundo.

**Valor:** Por quê?

**Dilma:** A produtividade da produção de alimentos aumentou muito nos últimos anos. Vejam a nossa capacidade hoje de produzir carne bovina, frango, cereais em geral. Não somos só o celeiro do mundo, mas também um país com uma capacidade estrelada nessa área. A China, a Índia e a África começaram a consumir mais alimentos e isso está pressionando os preços.

**Dilma:** Mas o Brasil tem uma reserva enorme de terras agricultáveis e uma forte capacidade de produção do agronegócio, além de uma agricultura familiar extremamente produtiva. A pressão inflacionária dos alimentos vai resultar obviamente numa pressão sobre as exportações. Ocorre que temos a possibilidade de ter uma produção para o mercado interno que poucos países têm. Temos de levar em conta que, se há centros de excelência no Brasil, um deles é a Embrapa. Conjugamos uma série de características virtuosas para enfrentar o momento.

**Valor:** Quais são?

**Dilma:** Uma é essa que acabei de citar. A outra é energética. E esses são os dois principais problemas do mundo neste momento.



Dilma Rousseff: "Não vejo nenhum problema estrutural insolúvel no curto prazo e nem grandes ameaças à estabilidade"

mento: alimentos e energia. No caso de energia, estou falando de combustíveis em geral. Imaginei a nossa situação na década de 80, quando o Brasil importava 80% do petróleo consumido. Estávamos numa situação difícil, tanto que quebramos.

Hoje, temos uma produção de petróleo relativamente estável. Não somos exportadores, mas também não somos mais importadores em grande escala. A Petrobras tem 18 anos de reservas, um nível de auto-suficiência relativa estável e grandes perspectivas no que se refere ao pré-sal. Portanto, temos futuro.

**Valor:** O país tem sido criticado por dar ênfase à produção de biocombustível, o que pode inflacionar os preços dos alimentos.

**Dilma:** Somos um dos poucos países do mundo que, apesar dos pesares e do que estão falando lá fora, não teve que enfrentar o dilema que outros enfrentam, que é produzir combustível ou produzir alimentos. Não vão inventar agora esse problema porque ele não existe. Se algum outro país tem, é problema dele, não do Brasil. Temos uma balança de combustíveis muito flexível e a arte da segurança energética é ter capacidade de oferecer substitutos. Outras vantagens: o Brasil só aproveitou 27% de sua capacidade hidráulica, tem reserva de urânio que pode entrar num programa de energia nuclear de forma consistente, tem possibilidade de ter gás, pode se dar ao luxo de ter bioeletricidade. Desculpe-me, mas em termos de capacidade de resistir às próximas décadas, o Brasil está bem posicionado. Além disso, o país levou um tempo, mas aprendeu a ter estabilidade macroeconômica.

Se a gente tiver calma, cuidado e delicadeza de tratar a conjuntura política e econômica, não há como não sermos de fato hoje, no presente, o país do futuro.

**Valor:** Mas, dos BRICs, ainda o que cresce menos...

**Dilma:** Tem gente que fala "vocês não crescem 8% ao ano, outros países o fazem". Mas, crescemos os nossos 5% ao ano com estabilidade inflacionária, incorporando milhões de pessoas ao mercado. Se a gente continuar crescendo assim, e de forma estável, é o que nos interessa.

**Valor:** O mundo está se configurando, no que diz respeito à infla-

ção, como algo não tão generoso como foi nos últimos anos...

**Dilma:** Mas estamos numa fase boa. Trabalhamos com uma meta de inflação que não está no extremo observado por aí. Somos um país que está alcançando o centro da meta e às vezes caindo um pouco abaixo dela. Há uma pressão inflacionária no resto do mundo, mas não faz sentido achar que no Brasil ocorre a mesma pressão. Trabalhamos com uma política de metas para inflação. Não vamos mudar essa regra no meio do jogo.

**Valor:** Faz sentido mudar?

**Dilma:** Ninguém está falando isso no governo.

**Valor:** Mas quando o Ministério da Fazenda e o Ipea afirmam que o governo precisa fazer alguma coisa para melhorar o câmbio, na prática estão defendendo a mudança do regime...

**Não somos só o celeiro do mundo, mas também um país com uma capacidade estrelada nessa área"**

**Dilma:** Aquela história de que a inflação aleja... Aleijar é péssimo! Pode perder perna, braço. Pode até perder a cabeça.

**Valor:** Perde o Bolsa Família...

**Dilma:** É isso. Perde tudo. A frase do Simonsen diz respeito ao fato de não se ter margem de manobra no setor externo. Isso não significa uma escolha de Sofia, entre o câmbio e a inflação.

**Valor:** Olhando os próximos três, quatro anos, o tripé macroeconômico pode ser mudado?

**Dilma:** Fico me perguntando por que alguém mudaria uma coisa que está dando certo. Por que alguém, em sã consciência, muda algo que se provou um dos instrumentos mais fortes para permitir que o país cresça de forma estável? Nossos governos não farão isso em hipótese alguma. É uma maluquice a idéia de detonar a inflação para salvar o câmbio. Nunca vi isso dar certo.

**Valor:** Por exemplo?

**Dilma:** Política industrial e de exportação. A desoneração fiscal que planejávamos fazer antes de a CPMF cair era mais robusta. Estávamos num modelo GG. Agora, temos que diminuir-lo. O que está havendo é o cuidado do governo para não tomar medidas que não possa segurar. Temos que tomar esse cuidado por causa do problema fiscal, que eu não posso fingir que não há.